FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Uma autópsia da condição humana entre o grotesco, o abandono e a memória do circo

Por Bob Sousa[1]

Em Leões, Vodka e um Sapato 23, da Cia de 2, a cena se apresenta como uma autópsia poética da condição humana. Quatro leões bufos habitam os escombros de um circo, entre restos de lona, fragmentos de uma banda, murmúrios russos e uma sobra de vodka. São criaturas sobreviventes de um mundo que já não precisa delas. O espetáculo parece acontecer depois do espetáculo, quando o encantamento desapareceu e restaram apenas os corpos, a fome e a memória do abandono. Há algo de perturbador nessa inversão: os leões, tradicionalmente associados à força, à majestade e ao domínio, aparecem reduzidos à condição de seres vulneráveis, famintos e descartáveis. Falar dos leões, portanto, é falar do humano. É reconhecer, sob a aparência animal, as marcas de uma sociedade que aprisiona, explora e abandona aqueles que já não considera úteis.

Essa autópsia da condição humana ganha corpo nas atuações de Adriano Laureano, Jean de Oliveira, Jonas di Paula e Guilherme Padilha, que dão vida aos quatro leões bufos. A composição do elenco exige uma disponibilidade corporal que transita entre a comicidade grotesca, a animalidade e a exposição de uma humanidade em estado de vulnerabilidade. Os intérpretes não se limitam a representar animais aprisionados, mas constroem figuras que parecem carregar no próprio corpo as marcas da fome, da violência e do abandono. É nessa fronteira entre o humano e o animal que a bufonaria encontra sua força, fazendo do corpo um território de contradições, no qual o riso e a tragédia se confundem.

A linguagem do bufão oferece a chave para essa exposição. As personagens parecem carregar as próprias vísceras para fora do corpo, como se a carne, a deformidade e o grotesco fossem formas de tornar visível aquilo que a sociedade procura esconder. Não são figuras destinadas à piedade, tampouco caricaturas construídas para provocar um riso confortável. Seus corpos desajustados produzem uma comicidade incômoda, atravessada

[1] **Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

pela crueldade e pela tragédia. O riso nasce justamente do reconhecimento de uma humanidade exposta em sua dimensão mais miserável. Há algo de visceral nessas presenças: os leões parecem vomitar suas histórias, feridas e frustrações diante de um espectador convocado não apenas a assistir, mas a testemunhar. O bufão transforma a deformidade em potência crítica e faz do ridículo um espelho no qual a sociedade reconhece suas próprias monstruosidades.

A cenografia participa dessa dramaturgia como uma arqueologia do abandono. Os fragmentos do circo não reconstituem um espaço de celebração, mas evocam aquilo que sobrou de uma estrutura que perdeu sua função. Um pedaço de lona, os vestígios de uma banda, os objetos dispersos e a atmosfera de precariedade compõem uma paisagem de destroços, na qual cada elemento parece guardar a memória de uma existência interrompida. Não estamos diante do circo de luzes e façanhas, mas de sua memória deteriorada. A lona deixa de ser apenas abrigo ou superfície de espetáculo para se tornar vestígio de um mundo em decomposição. O espaço cênico assume, assim, a aparência de um território de confinamento, aproximando a imagem da jaula daquela do sistema carcerário.

Essa aproximação amplia a dimensão política da obra. Os leões são prisioneiros de uma condição que não escolheram, submetidos a uma lógica de exploração que transforma seus corpos em instrumentos de entretenimento e, depois, em resíduos. A jaula ultrapassa sua materialidade e se converte em imagem de outras formas de encarceramento, de vidas confinadas, invisibilizadas e privadas de dignidade. O circo e a prisão encontram uma inquietante correspondência na domesticação dos corpos e no controle da existência. A pergunta que emerge não diz respeito apenas à liberdade dos animais, mas aos mecanismos sociais que determinam quem pode circular, quem deve permanecer à margem e quem será descartado quando deixar de servir.

Os figurinos de Chris Galvan integram essa construção visual como uma extensão da própria corporeidade das personagens. Mais do que caracterizar os leões, parecem materializar suas condições de existência. A composição das figuras aproxima o humano do animal, o grotesco do patético e o resíduo circense da degradação. Os corpos parecem

vestidos por uma memória de fracassos, como se carregassem nas roupas as marcas de uma vida submetida à fome, ao confinamento e à exploração. A caracterização não procura produzir uma representação naturalista dos animais, mas construir presenças híbridas, deformadas e provocadoras. Há uma dimensão quase antropológica nesse trabalho, pois os figurinos ajudam a revelar aquilo que permanece quando as convenções sociais, as aparências e as máscaras de respeitabilidade já não conseguem esconder a precariedade humana.

Na direção de Daniela Biancardi, esses materiais encontram uma articulação que aproxima a bufonaria da tragédia. Corpos, figurinos, objetos, música e fragmentos cenográficos constituem um universo em que o riso convive permanentemente com o desconforto. A encenação não procura suavizar a miséria das personagens, mas expô-la em sua dimensão mais crua, fazendo do grotesco uma estratégia de pensamento. O humor não oferece alívio, ao contrário, abre uma fissura pela qual a violência da existência se manifesta. Os intérpretes parecem habitar uma fronteira instável entre homens e animais, entre artistas e criaturas abandonadas, entre a memória do circo e a realidade da jaula. A direção encontra nessa instabilidade uma possibilidade de revelar o que há de animal na humanidade e de profundamente humano na condição dos animais.

Entre os objetos que povoam esse universo de restos, o sapato adquire uma densidade simbólica particular. Em meio à precariedade e à degradação, sua presença parece suspender momentaneamente a lógica do descarte. Há nele algo de objeto sagrado, uma espécie de relíquia que concentra a memória de um corpo, de uma passagem ou de uma ausência. O sapato, que deveria servir ao deslocamento, à caminhada e à continuidade da vida, ganha outra dimensão quando inserido nesse universo de imobilidade e confinamento. Torna-se vestígio de humanidade, quase um objeto de culto em um mundo que perdeu seus rituais. Sua presença desloca o olhar para a materialidade das coisas e revela como um objeto cotidiano pode adquirir força poética quando atravessado pela memória e pela ausência. Diante da destruição dos corpos e das relações, parece restar ao sapato a tarefa de preservar alguma coisa de uma existência que insiste em não desaparecer.

A narrativa visual do espetáculo encontra sua potência justamente na relação entre esses

elementos. Não se trata de uma cenografia que simplesmente ilustra a dramaturgia, mas de um espaço que compartilha a mesma condição física e simbólica das personagens. Corpos, objetos e resíduos pertencem a uma única paisagem de degradação. A imagem do circo abandonado contamina a presença dos leões, assim como seus corpos devolvem ao espaço a violência de uma memória que não se encerra. A cena adquire uma dimensão de fotografia em movimento: cada figura, cada objeto e cada composição parecem condensar um instante de uma existência em suspensão. Meu olhar se detém nesses fragmentos como quem procura, entre os restos, alguma evidência de vida. São imagens que não se encerram naquilo que mostram, pois continuam reverberando para além de sua materialidade.

Em Leões, Vodka e um Sapato 23, o grotesco não é apenas uma aparência, mas uma forma de revelar a dimensão mais contraditória da experiência humana. Os quatro leões não rugem somente pela fome ou pela perda da liberdade. Rugem por todos aqueles que foram confinados, explorados e abandonados quando deixaram de servir ao espetáculo social. O bufão expõe nossas vísceras, o circo revela seus escombros, a jaula denuncia os mecanismos de controle e o sapato preserva uma pequena dimensão do sagrado. No fim, permanece uma imagem difícil de afastar: talvez os leões não sejam aqueles que estão dentro da jaula, mas aqueles que aprenderam a construí-la e a chamar de normalidade a existência de quem nela permanece.